

Imagens da cidade de Manaus em *A cidade ilhada*, de Milton Hatoum e em *A caligrafia de Deus*, de Márcio Souza

Neire Márzia RINCON (PG/FL/UFG)
neiremarzia@hotmail.com

Marilúcia Mendes RAMOS (D/FL/UFG)
profamariluciamamos@gmail.com

Palavras-chave: Conto – Manaus – Hatoum – Souza

INTRODUÇÃO

O propósito desta pesquisa é investigar sobre a representação da cidade de Manaus, por meio da comparação de dois autores amazonenses que focaram seus olhares para essa cidade do Norte do Brasil. O *corpus* de análise é constituído pelos contos inseridos nas coletâneas: *A cidade ilhada* (2009), do escritor Milton Hatoum, e *A caligrafia de Deus* (1994), do autor Márcio Souza, em cujas narrativas as imagens construídas da cidade de Manaus vão além do aspecto geográfico e resgata aspectos peculiares da essência humana presente na cidade.

MATERIAL E MÉTODOS

Ler a cidade implica escrevê-la, pois antes de tudo, é legível, porém a exigir um leitor em condições de decifrar os seus discursos múltiplos para (re)construir os significados. Então, para melhor compreender as representações da cidade de Manaus nos contos em análise, pautamo-nos em abordagens elaboradas por autores que a tratam como texto e, para isso, exploraram maneiras de traduzir a sua legibilidade, bem como as reflexões críticas sobre espaço na narrativa. Portanto, nesse processo de revisão bibliográfica contamos com as contribuições de Italo Calvino (2003), Renato C. Gomes (1994), Rogério Lima e Fernandes (2000), Kevin Lynch (2006), Michael Certeau (2009), Roland Barthes (2004), Antonio Hohlfeldt (1981), Iuri Lotman (1978), Fabio Lucas (1989), entre outros. Ressaltando que, as discussões em torno do tema cidade correspondem a um vasto campo de abordagens, em que as mais variadas combinações e inscrição dos textos em seu corpo são permitidas, assim como inúmeras associações e representações simbólicas dos diversos grupos sociais que a constituem.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A história das civilizações pode ser traduzida em certa medida pela história de suas cidades. Resgatemos no passado Atenas, Roma e Babilônia, no presente, Paris, Londres e Nova York que não são somente espaços geográficos, mas representam mitos do imaginário humano. A cidade é um dos mais importantes sinais da ação humana no mundo, pois mesmo em ruínas ou em construção é o espaço denotativo da nossa permanência no mundo.

O espaço urbano é o lugar privilegiado, na contemporaneidade, que comporta a maioria da população. Milhares são as pessoas que vivem no mundo urbano e circulam pelas ruas, avenidas e becos diariamente, se beneficiando com o que esse espaço pode lhes oferecer, ou apenas interagindo com ele. É por um lado um lugar de atração por causa do progresso e da praticidade oferecida; por outro, é também lugar de repulsa pelos vários efeitos da modernidade causados no cidadão, conduzindo-o à individualidade, afastando-o do outro, impossibilitando-o de se comunicar com o outro. A cidade não é somente símbolo da opulência e magnificência, mas muitas vezes corporifica o mal do mundo, o caos instalado nas grandes cidades.

Para Kevin Lynch no livro *A imagem da cidade* (1999, p. 101), é “[...] uma organização mutável e polivalente, um espaço com muitas funções, erguido por muitas mãos num período de tempo relativamente rápido.” São as subjetividades praticantes desse espaço os agentes de transformação dele, cuja forma resultante dá-se de acordo com o que é possível a cada um. Desta forma, à medida que caminham, recriam o espaço urbano da melhor maneira, mapeiam-no, constroem-no com a ajuda de todos os moradores que parecem seguir seus próprios anseios sem uma visão clara da totalidade desse espaço. Tanto que Iuri Lotman em *A estrutura do texto artístico* (1978, p. 358), ressalta que “a partir do século XIX, pós-Revolução Industrial, a cidade tornou-se, na arte, forte motivo de reflexão, espaço em constante mutação de tensões e contrastes, lugar de expansão das próprias contrariedades”. Assinalando ainda que o espaço não é mero acessório, mas uma fonte potencial de significações de um texto artístico por comportar em si os múltiplos sentidos de uma cultura. Neste sentido, não é fácil a leitura da cidade, pois “lê-se a cidade como um composto de camadas sucessivas de construções e ‘escritas’, onde estratos prévios de codificação cultural se acham ‘escondidos’ na superfície, e cada um espera ser

‘descoberto e lido” (GOMES,1994, p. 78), haja vista que o ser humano e as estruturas em concreto estão em conflitos constantes.

Ainda de acordo com Renato Cordeiro Gomes, em seu livro *Todas as cidades, a cidade* (1994), a chama, que é o humano e o fluido, e o cristal que é o concreto e o rígido, muitas vezes não alcançam a harmonia necessária para que o homem encontre a si próprio e o outro. Daí o indivíduo viver em constante busca por algo perdido, embora, apesar disso, se movimente e se entenda nesse ambiente proporcionado pelo labirinto geométrico que é a cidade. A fixidez do cristal se contrapõe à fluidez da chama nesse principal local habitado na atualidade. Ler a cidade implica escrevê-la, torná-la legível, exigindo um leitor em condições de decifrar os seus discursos múltiplos para construir os significados. Pensar a cidade a partir de um texto de caráter polissêmico, o qual ganha sentido somente a partir da leitura realizada pelo leitor, significa que muitas vezes os sentidos estarão interditos, silenciados, suspensos, enfim, incompreensíveis.

Para Barthes (2004), um processo básico do fazer artístico é a *mimesis* e por meio dela o mundo é representado por palavras, ou seja, por um discurso que não o copia, mas o recria. Dessa forma, os espaços representados e as coisas que neles se incluem bastam a si mesmos, dado que os elementos apresentados pela descrição (os espaços) serem palavras. Por isso, a missão da literatura tem sido o de perceber as experiências urbanas e torná-las legíveis a partir do imaginário, trazendo para o texto literário a cena moderna baseada na fragmentação do ser na multidão. E, uma vez que a arte literária não se desvincula da vida, com a chegada da modernidade também voltou seu olhar para o espaço urbano a fim de retratar o conflito do homem na dureza do espaço concreto.

Desta forma, o conto surgido na sociedade burguesa e consolidado como gênero no século XX relaciona-se diretamente à transformação das cidades e aos avanços científicos conquistados pela burguesia, tanto a do mercantilismo como a da Revolução Industrial, conforme afirma Antonio Hohlfeldt (1981). E, por configurar-se como narrativa condensada e de comunicação rápida, tornou-se um dos gêneros mais adequados aos preceitos da era moderna, acolhendo desde o final do século XIX, diversas histórias que trazem a cidade como temática principal.

O autor do primeiro conto mencionado, Milton Hatoum, nasceu em Manaus em 1952 e sempre conviveu com uma mistura de línguas e cultura provenientes da descendência libanesa. Publicou três romances, uma novela e a

coletânea de contos *A Cidade Ilhada* (2009), tendo como espaço referencial para a criação ficcional a cidade de Manaus. Espaço esse recriado por seus narradores em primeira pessoa, cuja importância é inegável para a compreensão das histórias narradas na medida em que relatam a partir de fragmentos da memória, (re)construindo um passado perdido existente somente como linguagem no presente. São narradores que buscam uma identidade e cujas trajetórias e obstáculos enfrentados se inscrevem no plano do *espaço* do romance.

Nos contos inseridos na coletânea *A cidade ilhada* deixa vaziar suas leituras de celebrados contistas (e em diversos momentos com eles estabelece diálogos intertextuais), enlaça tramas em planos superpostos e descortina a *sua* cidade de Manaus. Originalmente publicados entre 1992 e 2004 em jornais, revistas e coletâneas no Brasil e/ou no exterior, os contos são marcados por silêncios e sutilezas, aos quais o leitor deve estar atento para constatar o jogo entre ditos e não-ditos presentes nos textos. Narrativas aqui que revelam a solidão, a comunicação entrecortada, a morte, as dificuldades de relacionamento entre o eu e o outro. Neles Manaus é a cidade ilhada e literária perdida que se encontra apenas nos labirintos da memória do autor e dos personagens. Apenas dois contos não se referem diretamente a Manaus, sendo que em todas as outras doze histórias a cidade aparece ora como ponto de partida ou ora ponto de chegada para personagens em trânsito a viajar em busca de uma origem para si ou para o lugar, aqui concebido sem o patente exotismo presente em diversos textos sobre a Amazônia.

A cidade está na periferia do capitalismo, ilhada geograficamente e metaforicamente, à procura de uma origem e de um destino. Traduzida na intensa vida cultural, no tom de mistério e suspense, na incerteza, no idílico tempo de adolescência, nas consequências da instalação da Zona Franca de Manaus, no simbólico Teatro Amazonas, nos áureos tempos de grandes espetáculos de artistas estrangeiros, no olhar do estrangeiro sobre esse lugar, nas transformações urbanas, humanas, sociais e históricas, na efemeridade da vida. Ou seja, para além da floresta pulsa um mundo de seres vivos em movimento se deslocando em espaços subjetivos carregados de valores. Tendo como fio condutor dos contos a memória e uma cidade que transmuta e se desfaz (e/ou o persegue) – Manaus, o autor presentifica o passado, retirando dele elementos para a sua criação, cujos espaços e ambientes familiares são evocados.

Márcio Gonçalves Bentes de Souza nasceu em Manaus, em 1946, e é jornalista, escritor, crítico, articulista, diretor e roteirista de teatro e cinema e diretor de cinema. Possui uma vasta lista de publicações, entre romances, ensaios, peças de teatro e roteiro para cinema.

Consagrado como romancista, publicou somente uma coletânea de contos em 1994, *A Caligrafia de Deus*, aqui investigada em comparação com a obra de Hatoum na perspectiva da repulsa, uma vez que as narrativas representam uma cidade sofrendo as transformações abruptas da modernização. A referida obra traz cinco histórias, escritas em diversos períodos, tendo como ponto de ligação a cidade Manaus. As narrativas parecem romances em miniatura com conflitos passados numa cidade descrita de forma pessimista, destacando-lhe os aspectos negativos numa crítica aos seus problemas eternos: arquitetura irregular, bairros sem urbanização, igarapés poluídos, consequência da instalação da Zona Franca e do Polo Industrial de Manaus.

Nos contos percebemos desde o olhar inicialmente saudosista que se bifurca para um pessimismo ao apontar uma cidade “decadente” pós-ciclo da borracha, em que da pujança vivida outrora pouco restara até as dificuldades enfrentadas pelos “estrangeiros” quando chegam e nela tentam sobreviver: o índio, o mameluco, o europeu, o garimpeiro, a ecologista. Assim como o forjar de uma identidade nos personagens de maneira impositiva e violenta, também são tematizados/representações dessa cidade o suicídio, a prisão, o vício do alcoolismo e do sexo, as mazelas de doenças epidêmicas como o cólera, a visão “estereotipada” do estrangeiro sobre a região, a denúncia sobre os igarapés que servem de esgoto numa imagem de completa degradação. O narrador revela um desejo de purificação da Amazônia que se repete na linguagem por meio de uso de vocábulos fortes e aviltantes. As narrativas trazem em seu bojo muito do que o autor traça em seus textos ensaísticos, quando afirma existir duas Amazônias e critica os aspectos urbanos que a transformam em pardieiro do continente.

CONCLUSÕES

Tanto nos contos de Milton Hatoum quanto nos de Marcio Souza a escrita e a leitura da cidade de Manaus revelam um cuidado com a estrutura textual, em que não basta à primeira leitura para compreender a narrativa, uma vez que procuram em seus textos abordar a região amazônica sem o viés daqueles textos

que enfeixaram e reforçaram imagens estereotipadas sobre a região, bem distantes do cotidiano e dos conflitos locais, mas que foram cristalizadas na memória coletiva nacional. Eles revisitam o passado enquanto memória coletiva e apresentam o presente evocando subjetividades, geografias e temporalidades, numa relação entre história, literatura e imaginário em narrativas que mostram um olhar sobre o mundo, fruto da ação humana.

Ao propor investigar a temática da cidade numa perspectiva comparada, refletindo sobre o sentido das metáforas visuais da cidade de Manaus construídas nas narrativas de *A Cidade Ilhada* e *A caligrafia de Deus*, tentamos encontrar as respostas para as questões surgidas ao longo desse trabalho, articulando as relações entre a literatura, história e imaginário da cidade. Considerando que, o cenário privilegiado é Manaus - uma cidade do Norte do Brasil, a qual tem aparecido nas pesquisas acadêmicas nesta perspectiva, principalmente em análises a partir de romances.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARTHES, Roland. *O rumor da língua*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- _____. [et. al.] ... **Análise estrutural da narrativa**. Tradução de Maria Zélia Barbosa Pinto. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.
- CALVINO, Ítalo. **As cidades invisíveis**. Tradução Diogo Mainardi. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer**. 16. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.
- COUTINHO, Afrânio (Dir.). **Evolução do conto**. A Literatura no Brasil: relações e perspectivas. São Paulo: Global, 1997, vol. 6.
- _____. **Notas de Teoria Literária**. Petrópolis: Vozes, 2008.
- HATOUM, Milton. **A cidade ilhada**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- HOLFELDT, Antonio. **Conto brasileiro contemporâneo**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1981.
- LIMA, Rogério; FERNANDES, Ronaldo Costa. (Orgs.). **O imaginário da cidade**. Brasília: Editora da UnB, 2000.
- LOTMAN, Iuri. **A estrutura do texto artístico**. Trad. Lisboa: Estampa, 1978.
- LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006
- SOUZA, Márcio. **A caligrafia de Deus: contos**. São Paulo: Marco Zero, 1994.